

FORMAÇÃO DO LEITOR CONTEMPORÂNEO: POSSIBILIDADES E ESTRATÉGIAS DE LEITURA AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Marta da Silva Andrade²
Maria Augusta D'Arienzo³

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar estratégias de leitura que auxiliam na promoção da formação do leitor contemporâneo nos anos iniciais do ensino fundamental e que tornem esse processo prazeroso, divertido e engajador de novas leituras. Possui abordagem qualitativa e é caracterizado pelo método de pesquisa bibliográfica. Para fundamentar as discussões acerca do processo de formação do leitor contemporâneo, da descrição e apresentação dos tipos de leitores e suas respectivas práticas leitoras e das estratégias de leitura que auxiliam na formação do leitor contemporâneo, foram utilizados os estudos de Lajolo (2008), Rösing (2010, 2017), Santaella (2007; 2013), Zilberman (1982). Como consideração final tem-se que o educador deve considerar os tipos de leitores, as diversas formas de ler existentes, as ferramentas que possui e as características da turma que está em processo de formação, para então utilizar de diferentes estratégias, para que lhe auxilie na formação do leitor contemporâneo de forma prazerosa, lúdica e envolvente.

Palavras-chave: Leitura literária. Formação do leitor. Estratégias de leitura. Anos Iniciais.

Introdução

A leitura literária é fundamental na formação do leitor contemporâneo. Os livros literários são carregados de ficção, pontos de vista e até realidades dos autores que os escrevem. São portadores de histórias que podem levar o leitor ou espectador/ouvinte a viajar por reinos distantes, contos de fadas, grandes metrópoles, mares e oceanos, entre os dinossauros e até mesmo por lugares que o homem não é capaz de encontrar, lugares que saem do fundo da imaginação do leitor. Esta mesma imaginação e criatividade estão à solta quando se faz a leitura de um livro, também são veículos de informação e conhecimento.

Os anos iniciais do ensino fundamental é uma das fases de desencadeamento da formação do leitor. Sabe-se que, nesta fase os estudantes possuem interesse pela leitura e gostam de ler, muito embora outras coisas sejam mais atrativas, porém eles ainda estão explorando distintas práticas de leitura, o que facilita o papel do professor de mediador do processo de formação do leitor contemporâneo.

Percebe-se, primeiramente, que a tecnologia digital é um dos motivos pelos quais a criança deixa de lado o universo da leitura do livro impresso, outra questão é a falta de

¹ Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação/FAED, da Universidade de Passo Fundo/UPF - Campus Soledade.

² Acadêmica do curso de Pedagogia da FAED/UPF - Campus Soledade. E-mail: 167837@upf.br .

³ Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Mestre em Educação. Professora do curso de Pedagogia/FAED/UPF. E-mail: guttadarienzo@upf.br .

incentivo tanto da família como da escola, e o último fato e talvez mais significativo, o não uso de estratégias criativas nas práticas de leitura em sala de aula. Na contemporaneidade, para que o texto prenda a atenção de uma criança é necessário que o educador trabalhe de forma que desperte a curiosidade e a imaginação do estudante, fazendo com que ele se sinta sujeito da história.

Ao trazer a leitura literária para sala de aula, existe o desafio de transformá-la em algo prazeroso, divertido, envolvente, pois essa prática é necessária para o desenvolvimento integral da criança. A partir da presente pesquisa, busca-se apresentar estratégias de leitura que promovam a formação do leitor contemporâneo nos anos iniciais do ensino fundamental.

Isto posto, esta pesquisa tem como objetivo principal identificar estratégias de leitura que auxiliam na promoção da formação do leitor contemporâneo nos anos iniciais do ensino fundamental e que tornem esse processo prazeroso, divertido e engajador de novas leituras. Bem como, pretende-se descrever sobre o processo de formação do leitor contemporâneo, apresentando os tipos de leitor e as práticas de leitura respectivas, para então revelar estratégias de leitura que auxiliem no processo de formação do leitor contemporâneo de forma prazerosa, lúdica e envolvente, que levem o leitor a outras leituras.

Esse estudo buscou discutir partindo das perspectivas de teóricos que foram analisadas por meio da pesquisa bibliográfica, para tanto se utilizou de leitura de livros, revistas, artigos e documentos on-line, ou seja, textos de cunho científico de autores e pesquisadores que abordam a temática da pesquisa. Dentre os autores referenciados estão Lucia Santaella (2007; 2013), Marisa Lajolo (2008), Regina Zilberman (1982) e Tania Rösing (2010; 2017).

O presente artigo foi organizado inicialmente pela abordagem da questão da formação do leitor contemporâneo, bem como de pesquisas sobre a leitura literária no Brasil. No segundo momento, apresenta-se os tipos de leitores e suas respectivas práticas de leitura, especialmente pela perspectiva da pesquisadora Lucia Santaella (2007; 2013). Na sequência, apresentou-se estratégias de leitura que podem auxiliar no processo de formação do leitor contemporâneo. Para então, descrever as considerações finais e as referências utilizadas no estudo.

1. Formação do leitor contemporâneo

Para a formação do sujeito, a leitura tem um papel importante neste processo, tendo em vista que, por meio dela, o mesmo adquire conhecimento, se intera com o pluralismo de ideias, crenças, culturas e saberes do mundo e, ainda consegue fazer parte da sociedade como um cidadão crítico, pois sabe-se que dentro das possibilidades oferecidas pela leitura está o desenvolvimento do pensamento crítico.

Rösing (2010, p. 7) afirma que “a leitura é o processo de significação dos textos pelos leitores com o objetivo de transformação de simples leitores e leitoras em pessoas mais críticas, esteticamente mais sensibilizadas.” O ato de ler não somente forma cidadãos críticos, mas também pode ser visto como algo que traz prazer, conhecimento, melhora a oralidade, a escrita, a compreensão leitora e, proporciona um desenvolvimento não só cognitivo, mas também um desenvolvimento enquanto ser atuante em uma sociedade.

É a literatura como linguagem e como instituição, que se confiam a diferentes imaginários, a diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente da sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ter muitos (LAJOLO, 2008, p. 106).

Em artigo sobre a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil Lagos (2019)* afirma que, a 4ª edição desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro considera leitor, aquele que leu pelo menos um livro nos últimos três meses, inteiro ou em partes. Os dados de 2016 revelam que o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano. O baixo índice de leitura é um problema histórico e aponta para o empobrecimento dos debates brasileiros. Por óbvio, o amplo repertório de leituras contribui para o amadurecimento do espírito crítico do cidadão.

Ainda de acordo com a última pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, 44% dos brasileiros com mais de 5 anos de idade não são leitores, o que significa que não leram nenhum livro nos últimos três meses. Sendo assim, por meio destes dados percebe-se que o índice de leitura no Brasil é muito baixo. Estima-se que, quase metade da população brasileira não tem o hábito de ler regularmente e os principais motivos apontados são a falta de tempo e de paciência.

Nesse contexto, a formação de leitores é um desafio para as escolas, professores e profissionais da educação. Sabe-se que, o período escolar é o momento em que as crianças e jovens mais leem na vida. No ensino fundamental a criança ainda lê porque gosta, depois, na

maioria dos casos, os sujeitos vão se habituando com o fato de ler por obrigação e então a leitura acaba virando mecânica. Muitos destes alunos, depois que saem da escola, não pegam mais um livro para ler e lêem somente o que é necessário para viver em sociedade.

[...] é a partir da escola que os brasileiros entram em contato com o processo da leitura e, por meio dela, acessam os livros, independentemente de sua classe social. [...] É na escola que se lê mais, os jovens leem mais e é na infância que se forma o leitor. Entretanto, depois da escola, o brasileiro lê menos. A escola não está formando o leitor, mas dando acesso à leitura (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 74).

Sendo assim, a escola não está formando leitores, mas sim conduzindo crianças e jovens ao contato com a leitura, e, muitas vezes, por obrigação, por isso, é considerado como o período em que o brasileiro mais lê ao longo da vida.

As escolas e profissionais da educação precisam se reinventar, afinal, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental as crianças se interessam pela leitura. Sendo assim, é o momento ideal de proporcionar-lhes práticas leitoras que promovam o entusiasmo e prazer pela mesma, desde os primeiros anos do ensino fundamental, com vistas à formação do leitor contemporâneo, que fará do ato de ler um hábito.

Para tanto, é importante que os profissionais envolvidos neste processo de gosto pela leitura, em especial professores e bibliotecários, gostem de ler, isto é fundamental, além de gostar, precisam ler e saber encantar os alunos pela leitura literária.

Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda a certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e, sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não têm. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo – um amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino (MACHADO, 2001, p. 43).

Isto posto, entende-se ser necessária formação continuada para os profissionais da educação, voltada para a questão do ato de ler, da formação do leitor contemporâneo, por meio dela o professor qualifica suas práticas pedagógicas e desse modo auxilia o estudante na construção de novos conhecimentos e de práticas contemporâneas de leitura.

Em entrevista para a revista *Língua Portuguesa*, Marisa Lajolo, que é uma pesquisadora referência de literatura infantil no Brasil, diz que, a questão do salário vergonhosamente baixo antecede a questão da formação docente. Salvo poucas exceções, os

cursos voltados para a formação de professores geralmente são de baixa qualidade. Muitos professores, no exercício da profissão, buscam em especializações e pós-graduações o que os cursos de graduação poderiam ter ensinado, mas deixaram lacunas. Outra fonte de crescimento de professores são os colegas mais experientes, que compartilham saberes, propostas e iniciativas. Lajolo (2020) afirma que as bibliotecas estão cheias de livros, livros maravilhosos, mas as políticas públicas deveriam começar formando bem os educadores, para que eles saibam o que fazer com os mesmos.

O repertório de literatura infantil brasileira, no final do século XIX e início do seguinte, era de cunho moral, os textos tratavam de assuntos relacionados à pátria, infância e trabalho e eram abordados por meio de prosas e versos. A principal função era a de moldar o pensamento da criança, para que desde cedo tivesse noção das suas obrigações morais e de trabalho. A criança era vista como uma tábula rasa que seria moldada e preparada para o mundo adulto.

Na segunda década do século XX, este cenário começa a mudar com o movimento Escola Nova que passa a ter uma visão diferenciada de infância. Esta perspectiva coloca a criança como centro da educação, respeitando a sua atividade pessoal, os seus interesses e necessidades, bem como seu desenvolvimento natural. Defende formar cidadãos por meio de experiências e observações e o dogmatismo fica para trás. Com isto, o repertório cultural das literaturas infantis brasileiras aumentou e se diversificou, passando então de conteúdos morais, para diversos assuntos englobados pelos diferentes gêneros textuais.

Lajolo (2020, p. 12), diz que, "a literatura infantil brasileira contemporânea é excelente. Muito premiada internacionalmente, é um dos produtos culturais brasileiros de grande circulação fora do Brasil". Com isto, tem-se um grande repertório de livros no país, e as escolas públicas, na sua maioria, possuem um acervo significativo de livros em biblioteca e salas de aula. É preciso organizar estratégias de leituras que auxiliem na formação do leitor literário em contexto contemporâneo.

A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença do objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança (ZILBERMAN, 1982, p. 20).

Portanto, apesar do grande repertório de livros, o texto literário ainda é utilizado em sala de aula com cunho didático, puramente educativo, ligados a longas atividades ou apenas leituras soltas no cantinho da leitura apagando um pouco o encantamento da criança pela arte, o imaginário e a beleza das histórias. As estratégias para formar alunos leitores devem ir muito além do caráter educativo e acabar de uma vez com os atos de ler por obrigação, para tanto é necessário conhecer os tipos de leitores e suas práticas de leitura.

2. Os leitores e respectivas práticas de leitura

O mundo está em constante mudança, as coisas mudam para se adaptar ao novo, com o agora, com o que é atual. Com a leitura não acontece de forma diferente, conforme o passar do tempo, os leitores foram vivenciando novas formas de ler. Lucia Santaella (2007) diz que existem diferentes tipos de leitores, que possuem características e habilidades que os diferenciam. Segundo a autora, existem quatro tipos de leitores: contemplativo, movente, imersivo e ubíquo.

O leitor contemplativo, também chamado de meditativo, é o leitor da era pré-industrial. Este tipo de leitura cria uma relação íntima entre livro e leitor, pois segundo Santaella (2007, p. 20), “com a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias na Idade Média central, a leitura se fixou definitivamente com um gesto de olho, não mais acompanhada como antes pelo rumor de uma articulação vocal”, sendo assim, passou-se a usar muito o sentido da visão, seguido por um sentido interno, o da imaginação. Com a leitura silenciosa tornou-se possível fazê-la de forma mais rápida e portanto ler mais, inclusive textos mais complexos.

Esse primeiro tipo de leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, a altura das mãos e do olhar. Esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Então, este tipo de leitura está relacionada a um momento de reclusão, de retiro, de intimidade entre o leitor e o que está sendo lido. Geralmente este leitor procura um espaço reservado e em silêncio para fazer suas leituras, este espaço é seu local de recolhimento. Os

livros podem ser visitados e lidos novamente, bem como outros objetos, uma vez que estão em um espaço imóveis, então o leitor os procura.

O segundo tipo de leitor é o movente, também conhecido como fragmentado. Nasceu na era da Revolução Industrial. Com o crescimento dos centros urbanos, a chegada da eletricidade, das impressões de jornais com notícias rápidas sobre o que estava acontecendo no momento e, principalmente, com a publicidade, houve uma grande mudança, o leitor meditativo, observador e sem urgências passou a ser um leitor movente, que convive com diversas formas de leitura, em casa e fora dela.

A publicidade faz com que tudo vire mercadoria, principalmente nas grandes metrópoles. Os pontos de ônibus, estação de metrô, ruas, parques, vitrines de lojas e estabelecimentos, fachadas de neon, enfim, “a vida cotidiana passou a ser um espectro visual, um desfile de aparências fugidias, um jogo de imagens que hipnotizam e seduzem” (SANTAELLA, 2007, p. 28). É neste cenário que nasce o novo leitor, aquele que tem ao seu redor diversos signos, que corre contra o tempo, que lê notícias imediatas, fragmentos do jornal, tirinhas, que está no meio de um emaranhado de informações ao acesso de um olhar e retira dali fatias de realidade.

Esbarrando a todo instante em signos, signos que vêm ao seu encontro, fora e dentro de casa, esse leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível. Isso se acentua com o advento da televisão: imagens, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas (SANTAELLA, 2007, p. 31).

Leitor de memória curta, apressado, que visualiza múltiplas linguagens, mas é ágil em fazê-lo. Este leitor se prepara para o surgimento do próximo tipo de leitor, o imersivo, o qual transita no ciberespaço que necessita de grande sensibilidade perceptiva.

O leitor imersivo ou virtual nasce na era digital. Este leitor está nos grandes centros urbanos e é habituado a navegar no ciberespaço. Diferentemente do leitor contemplativo que manuseia os livros com bastante calma, que precisa ir até a biblioteca para encontrar seus materiais de leitura, este novo leitor está sempre em “[...] estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi sequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc” (SANTAELLA, 2007, p. 33). Ele tem suas leituras ao alcance de um clique do botão do mouse.

Diferentemente também do leitor movente, que ao sair de casa e caminhar pelas ruas esbarra em signos, propagandas, recortes de jornais, vitrines abarrotadas de informações, o leitor imersivo está a frente de uma tela, na qual navega por variados signos e infinitos materiais de leituras que estão disponíveis a qualquer momento. Este leitor, conforme Santaella (2007) esclarece, é um leitor mais livre, pois tem liberdade de variadas escolhas entre nexos, ele busca e tem a possibilidade de encontro com diversos temas, assuntos e textos com uma velocidade significativa.

O quarto tipo de leitor é o ubíquo. Santaella (2013), em seu livro *Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação*, relata que em um curto período de tempo, aproximadamente dez anos, depois de ter escrito e estudado sobre os três tipos de leitores, o contemplativo, o movente e o imersivo, surge um novo leitor, aquele que possui fortes características do leitor movente e, também, do imersivo, mas que é único neste novo espaço das tecnologias e redes sociais. Sendo assim, questiona Santaella (2013, p. 265): “Que leitor prosumidor (produtor e consumidor de hipermídia) é esse que hoje transita pelas redes?”.

Sabe-se que o leitor imersivo é aquele que navega entre nós e nexos de forma veloz e ágil. Entretanto, é um leitor parado em frente a uma tela, pois depende de um computador fixo para navegar no ciberespaço. A ubiquidade está relacionada a sistemas computacionais de pequeno porte, que podem ser carregados até mesmo no bolso. Sendo assim, imagine o leitor imersivo, com fortes características e habilidades também do leitor movente, que esbarra em sinais e signos ao andar pelas ruas.

Ao mesmo tempo em que está corporalmente presente, perambulando e circulando pelos ambientes físicos - casa, trabalho, ruas, parques, avenidas, estradas - lendo os sinais e signos que estes ambientes emitem sem interrupção, este leitor movente, sem necessidade de mudar de marcha ou de lugar, é também um leitor imersivo. Ao leve toque do seu dedo no celular, em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional, assim como pode conversar silenciosamente com alguém ou com um grupo de pessoas a vinte centímetros ou a continentes de distância” (SANTAELLA, 2013, p. 278).

Este é o leitor ubíquo, aquele que está sempre em movimento, que não está preso a tela de computador de mesa, mas que consegue ter os mesmos acessos por aparelhos de pequeno porte que permitem que o sujeito o faça de qualquer lugar, onde esteja. É um leitor que sabe lidar muito bem com as características de ambos os tipos, movente e imersivo, sem perder o foco de presença tanto no espaço virtual, quanto no físico. Consegue prestar atenção

em diferentes focos, mas sem se demorar muito em nenhum. É um leitor que não dispõe de tempo para meditar e refletir sobre o que está sendo observado, como o contemplativo, este reage de forma rápida aos estímulos que vem tanto dos espaços físicos, quanto dos virtuais.

O leitor ubíquo é aquele que nasceu com o crescente uso das redes de comunicação, as mesmas deixaram de ser algo de uso mais voltado para relações de governo e empresariais e passaram a ser usadas por todos. Graças aos e-mails, chats de bate-papo, entre outros, tornou-se possível a comunicação em massa, sem necessariamente estar presente fisicamente. Pode-se conversar com alguém que está a metros ou centímetros de distância, como também com pessoas do outro lado do mundo. Este novo modo de ler, com certeza carrega desafios para a educação, pois aquela visão de que o momento da leitura é aquele período tranquilo na biblioteca, manuseando livros, não é mais suficiente para este novo leitor.

Com base em todos os tipos de leitores e suas práticas de leituras apresentados até o momento, é válido dizer que a chegada de um novo leitor, não leva à extinção do anterior. Todos estes leitores existem e se fazem presentes na contemporaneidade, uns carregam características semelhantes aos outros, assim como também se diferem em variados aspectos, mas no geral, todos coexistem. Sendo assim, pergunta-se: quais estratégias de leitura podem ser utilizadas para a formação do leitor contemporâneo, que está imerso em um mundo virtual e que também se movimenta entre diversas formas de ler? Faz-se necessário conhecer algumas estratégias que tornam possível a formação deste leitor no contexto educacional.

3. Estratégias de leitura que auxiliam na formação do leitor contemporâneo

Antigamente, para muitos, o ato de ler estava estritamente ligado a decifração de letras, hoje percebe-se que esta era uma visão estreita do conceito de leitura. Santaella (2013, p. 266), diz que “toda essa variedade de leitores resulta do fato de que, desde os livros ilustrados, e depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras”. A leitura está presente no livro, nos jornais, nas ruas, na televisão, na imensa rede do ciberespaço, navega entre telas e diferentes redes de comunicação. Sendo assim, é impossível dizer que ela se restringe apenas à decifração de letras.

Diante disto, há uma pluralidade de leitores e práticas de leituras. No livro intitulado *Mundo da leitura 20 anos formando leitores*, Rösing (2017, p. 28), afirma que “esse é o cenário atual em que se pode formar leitores. Leitores proficientes. Leitores sensíveis.

Leitores críticos”. Nessa perspectiva, é um desafio formar leitores contemporâneos, considerando toda esta diversidade que se apresenta na atualidade. Nesse sentido, quando o Mundo da Leitura⁴ começou a criar estratégias para o desenvolvimento de práticas leitoras, considerou todas as formas de culturas, desde a oral até a digital.

Na cultura oral, emissores/receptores/emissores-receptores... tinham e têm de dominar, inconfundivelmente, a fala e a eficácia dos gestos corporais. Na escrita, o domínio dos códigos empregados na representação dos sons e em condições específicas de comunicação. Na cultura impressa, o conhecimento da diversidade dos signos que reproduzem e interpretam mensagens de diferentes naturezas. Na mídia, o entendimento de códigos empregados pelo rádio, televisão, cinema, conhecidos como mídias analógicas e o uso da internet como mídia digital acessada em computadores, *laptops*, *smartphones* (RÖSING, 2017, p. 42).

Com base nisto, percebe-se que quando se pensa em estratégias de leitura nas escolas, deve-se levar em conta todas estas manifestações da linguagem, pois a leitura se faz presente em cada uma delas, por isso não cabe dizer que a mesma está estritamente ligada a decodificação de signos e códigos alfabéticos.

As estratégias de leitura no âmbito escolar devem ser compreendidas pelo professor, em especial, na fase da educação infantil e dos anos iniciais, nos quais a curiosidade e o gosto pela leitura são características das crianças. O educador precisa desenvolver estratégias que de fato poderão instigar na criança o prazer pelo ato de ler, fazendo com que a leitura se torne hábito no cotidiano, não de uma forma obrigatória, mas sim com leveza, de forma agradável, necessária e significativa, envolvendo as distintas formas de leitura, ou seja, leitura de imagens, textos, ilustrações, gestos e movimentos corporais, entre outras.

Nesse sentido, a contação de histórias é uma estratégia muito importante, desde a educação infantil, pois “no momento em que se ouve uma história, é imediata a mudança de estado: é quase impossível para um ouvinte atento não se envolver com o enredo, os dramas e as vitórias das personagens. O processo é natural e metamórfico” (CUNHA; LEITE; TOMAZONI, 2017, p. 86). Essa prática possibilita que o ouvinte faça viagens imaginativas e exploratórias dentro do enredo que está ouvindo, permite que leitores tradicionais e aqueles que estão agora começando a se apropriar do mundo da leitura, se encantem da mesma forma, pois se observa pelas ações do contador as reações dos espectadores, os tons de surpresa, alegria, tristeza ou euforia na voz do interlocutor, que precisa, mais que ninguém, fazer parte

⁴ Mundo da Leitura é o termo utilizado para denominar o Centro de Referência em Literatura e Mídias, ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo.

da história e se apropriar de cada parte dela. Cunha, Leite, Tomazi(2017, p. 86), ainda afirmam que “a história ganha força, energia e emoções as quais uma leitura solitária e silenciosa certamente não provocaria o mesmo efeito.” Sendo assim, o ato de contar histórias deve estar presente na vida do educador, como uma importante estratégia para formar crianças leitoras, provocando-lhes interesse por esta prática desde a tenra idade.

O teatro também pode ser usado como uma estratégia para a estimulação da leitura e formação do leitor contemporâneo. Uma vez que sejam escolhidas obras interessantes e instigadoras, o professor pode explorar fazendo surgir pesquisas sobre o autor, sobre o tema, entre outras coisas que abranjam a obra a ser representada. O estudante poderá ler e se apropriar de cada fragmento da história, até mesmo porque estes compõem o todo da interpretação. Bernardes, Mânica (2017, p. 94), afirmam que “se observamos a história do teatro, perceberemos que a função de absorver e transformar linguagens esteve sempre presente”.

Outra estratégia é a inclusão digital. Este leitor, que transita entre as redes precisa se apropriar de suportes para a prática da leitura no ciberespaço. A escola precisa apreender as tecnologias digitais, uma vez que os estudantes, em sua maioria, fazem parte desta nova era, e também criar possibilidades para aqueles que ainda não conhecem ou não têm acesso possam usufruir das potencialidades educativas da cultura digital. O importante é que a inclusão digital não seja vista somente como uma ida à sala de informática para que todos tenham a oportunidade de conhecer um computador e saber manuseá-lo, pelo contrário, o educador deve ter em mente os inúmeros benefícios que as tecnologias de rede (TR) e a inclusão digital podem oferecer.

Assim, Inclusão Digital implica reconhecer-se enquanto nó de uma rede de sentidos suportada pelas TR, a partir de uma apropriação crítica, provisória e reflexiva desses fenômenos técnicos, em uma dinâmica de (co)autoria, de partilha do conhecimento e de estabelecimento de processos colaborativos e comunicacionais, baseados no protagonismo, na valorização da própria cultura, no respeito à diversidade e na criação e manutenção de uma cultura de redes (LICKS; MELLO; TEIXEIRA, 2017, p. 115).

Existem diversas formas de estratégias para formação do leitor contemporâneo por meio da cultura digital, além de todas estas possibilidades, ainda existem sites com variados livros digitais, que a criança pode acessar em sua casa ou de onde estiver com um aparelho eletrônico móvel. Sendo assim, cabe à escola apresentar estes recursos aos futuros leitores,

para que as tecnologias digitais possam ser aliadas ao processo de formação do leitor na contemporaneidade.

Outro fator importante à formação do leitor contemporâneo é o ambiente leitor. A sala de aula precisa possuir vários materiais de leitura, que propiciem aos estudantes práticas de leitura diárias de uma forma quase que imperceptível, mas que possuam significado. Um cantinho próprio para leitura, no qual se encontram diversos formatos de textos (livros literários, jornais, revistas, gibis, dicionários e livros de informações gerais para pesquisa), estes são fundamentais para que a criança possa explorar, observar o texto e as ilustrações e pesquisar sobre os assuntos que lhe interesse. Junto aos materiais de leitura precisam estar os distintos suportes digitais de leitura, então o computador, o notebook, o tablet, o smartphone devem compor o espaço. Isto promove não somente a leitura, mas também a autonomia do estudante na tomada de decisão acerca da forma de leitura que lhe atraia.

A biblioteca escolar também propicia estratégias de leitura, desde que o educador não a use somente para troca de livros, sem nenhum trabalho interligado aos mesmos, e por obrigação de cumprir o horário especificado pela escola. O momento de retirada de livros na biblioteca deve ser rico de exploração e precisa ser realizado. Por meio do livro, pode-se sugerir leituras em família, pesquisas sobre o assunto abordado na obra, bem como pesquisas sobre o autor, apresentação da história aos colegas, utilizando-se da criatividade para a apresentação, indicando ou não a leitura e justificando o porquê. São inúmeras as possibilidades de uso da biblioteca escolar a favor da formação do leitor.

As chamadas maletas ou sacolas viajantes são ótimas para aproximar as famílias deste processo. Geralmente, a sacola passa na casa de cada criança com um livro dentro, para que este possa ser explorado pelos estudantes juntamente com seus familiares. Pode-se incluir alguma atividade, que seja realizada após a leitura, bem como um caderno para registro dos pais ou responsáveis, no qual poderão contar como foi a leitura e, até mesmo, sugerir novas atividades em família que envolvam o ato de ler. No final do rodízio da sacola viajante, pode-se sugerir que a turma faça uma apresentação do livro, seja por meio de teatro ou outras formas de manifestações artístico-culturais. É essencial que a família dê esse suporte à criança desde muito cedo, por isso a escola precisa estimular projetos de leitura com os mesmos, pois se a criança vivenciar práticas de leitura na escola e também em casa, facilitará o êxito no processo de formação do leitor.

Enfim, são inúmeras as formas de tornar o ato de ler prazeroso e necessário para a leitura na contemporaneidade, para tanto percebe-se que o professor precisa ser o facilitador e mediador de todas estas estratégias de leitura e para isso, precisa não somente estar atualizado, como também ser um sujeito leitor, que ama e pratica a leitura. Teixeira (2017, p. 106), afirma que “[...] há uma relação direta de professor não leitor com aluno não leitor [...]”, sendo assim, se o educador não lê, fica difícil incentivar os estudantes para que o façam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos da pesquisa, constata-se que o Brasil possui um déficit muito grande na leitura, mostrando que há a disposição nas bibliotecas e na maioria das escolas, excelentes obras de literatura infantil, contudo, ainda são usadas, em muitos casos, puramente com cunho pedagógico, como meio para realização de tarefas e leituras silenciosas em cantinhos destinados para a mesma, deixando de olhar para o grande potencial que estas obras e, conseqüentemente, o ato de ler por prazer possuem.

Sabe-se que, a leitura literária possibilita o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da invenção, entre outras habilidades pertinentes à aprendizagem e vida cotidiana, não só das crianças, mas também de qualquer pessoa, pois a leitura tem o poder de formar cidadãos críticos, capazes de criar suas próprias trajetórias e, principalmente, pensar sobre o papel enquanto cidadão pleno em sociedade.

Para tanto, é necessário que os profissionais da educação estejam preparados para utilizar estratégias de leitura eficazes para a formação da criança em leitores críticos, de forma prazerosa e lúdica, capaz de levar esses leitores a outras leituras em distintos formatos e suportes. No presente artigo, compreende-se que a formação continuada dos docentes se faz necessária, tendo em vista que a magia da leitura é contagiante, o que pressupõe um professor leitor para formar o estudante leitor. A partir das estratégias de leitura apresentadas observa-se que, a leitura literária é fundamental à formação integral das crianças e que as estratégias pedagógicas para a obtenção da prática habitual da leitura são inúmeras, para tanto é necessário que não apenas o educador, mas toda a comunidade escolar tenha consciência da importância à formação integral do estudante, não exclusivamente ao contexto escolar, mas para a formação de um cidadão crítico e criativo, capaz de realizar a leitura da sociedade, compreendê-la e transformá-la.

Para tanto, é essencial considerar os tipos de leitores, as diversas formas de ler, o potencial das ferramentas digitais, além de conhecer as características individuais e coletivas da turma, para então optar pelas estratégias didáticas que auxiliem na efetivação da formação do leitor contemporâneo, por meio de um processo prazeroso, divertido e engajador de novas leituras.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, M.; MÂNICA, B. Teatro. A arte da inclusão. In: RÖSING, Tania M. Kuchenbecker . (Org.). **Mundo da leitura 20 anos formando leitores**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. p. 94-103.

CANDIDO, Marina. A literatura e o livro para crianças e jovens . Desde 2002, comemora-se no dia 18 de abril, data do nascimento de Monteiro Lobato, o Dia Nacional do Livro Infantil. Em entrevista à CPLP, Marisa Lajolo compartilha sua visão sobre o assunto. **Revista Língua Portuguesa e Literatura**, São Paulo, ano 8, ed. 82, p. 8-13, maio/junho, 2020.

CUNHA, P.R.; LEITE, E.R.; TOMAZONI, M.L. Contadores de histórias e a arte de encantar. In: RÖSING, Tania M. Kuchenbecker . (Org.). **Mundo da leitura 20 anos formando leitores**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. p. 85-93.

FÁVERO, Altair Alberto; GABOARDI, Ediovani Antônio (coord). **Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações**. Passo Fundo. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

LAGOS, Davi. **Retratos da leitura no Brasil**. *g1.globo*. 06 de jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2020.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2008.

LÁZARO, André; BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.

LICKS, G.P.; MELLO, E.F.F.; TEIXEIRA, A.C. Projeto mutirão pela inclusão digital e sua inserção no mundo da leitura. In: RÖSING, Tania M. Kuchenbecker . (Org.). **Mundo da leitura 20 anos formando leitores**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. p. 113-128.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escrito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RÖSING, Tania M. Kuchenbecker . (Org.). **Projeto livro do mês 2006: construindo o diálogo entre leitor-autor.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

RÖSING, Tania M. Kuchenbecker . (Org.). **Mundo da leitura 20 anos formando leitores.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

TEIXEIRA, Eliana. Projetos do mundo da leitura nas escolas. In: RÖSING, Tania M. Kuchenbecker (Org.). **Mundo da leitura 20 anos formando leitores.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. p. 113-128.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola.** 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 1982.